

# Entre as luzes e a escuridão: o florescer das obras e inovações em tempos de pandemia

João Ferreira Sobrinho Junior<sup>1</sup>  
Cristina de Cássia Pereira Moraes<sup>2</sup>

## Resumo:

Esta pesquisa tem por objetivo identificar obras ou invenções proeminentes que foram produzidas em vários campos da atividade humana durante tempos de isolamento social por conta de pandemias através da história. Para responder a tal cenário se dispôs de pesquisa documental e bibliográfica a partir de artigos científicos, documentos oficiais e sites da internet para o levantamento e coleta dos dados, e enfim dispôs-os por meio de um quadro demonstrativo. E como resultado se levantou que muito embora a necessidade do isolamento social em tempos de pandemia, obras e inovações marcantes para a história humana no ontem e no hoje foram apresentados ao mundo por meio de homens como: Newton, Shakespeare e Boccaccio, dentre outros. Nos tempos atuais, em relação a pandemia da COVID-19, vislumbra-se que muito se deve estar sendo produzido, mas, somente brevemente saberemos de tais obras e inovações que influenciarão o presente e o futuro do homem. Conquanto, podemos apontar algumas fagulhas que já podem ser visualizadas no atual cenário da pandemia, a saber: o avanço na fabricação de imunizantes; a desinformação; a naturalização da vigilância individual.

**Palavras-chave:** Pandemias, História Comparada, Vigilância Estatal.

## Abstract:

This research aims to identify outstanding works or inventions that were produced in various fields of human activity during times of social isolation due to pandemics throughout history. In order to respond to this scenario, a documental and bibliographic research was used, based on scientific articles, official documents, and websites, for the survey and data collection, and finally to present them in the form of a demonstration table. As a result, it was found that, despite the need for social isolation in times of pandemics, remarkable works and innovations in human history yesterday and today were presented to the world by men such as Newton, Shakespeare, and Boccaccio, among others. In current times, in relation to the pandemic of COVID-19, it is glimpsed that much must be being produced, but only soon we will know of such works and innovations that will influence the present and the future of mankind. However, we can point out some sparks that can already be seen in the current scenario of the pandemic, namely: the advance in the manufacture of immunizers; the misinformation; the naturalization of individual surveillance.

**Keywords:** Pandemics, Comparative History, State Surveillance.

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: joffersojuo7@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em História das Ideias pela Universidade Nova de Lisboa (2005). Professora da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: cristinadecassiapmoraes@gmail.com

## Introdução

O homem de tempos em tempos se defronta com pandemias antigas e novas, sendo que para algumas delas é necessário medidas específicas de isolamento social com a finalidade de dirimir sua propagação, como no caso da Peste Negra, Gripe Espanhola e a COVID-19. No entanto, alguns homens fizeram desse isolamento uma possibilidade de *anni mirabiles* em suas trajetórias, onde descobertas ou obras influenciaram gerações seguintes e por vezes, perdurando até os dias de hoje.

É importante destacarmos que os estudos que tratam acerca das pandemias estão em ascensão hodiernamente, como pode ser facilmente visualizado através de repositórios de pesquisas como o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e o *Scielo*. Em relação ao primeiro, ao fazermos a busca a partir da palavra chave “pandemia” encontramos os seguintes resultados: 1991 (1); 1996 (3); 2001 (6); 2005 (12); 2010 (13); 2016 (25); 2020 (516); 2021 (1184). Ou seja, houve um aumento de pesquisa relacionadas à temática mais de 100 mil vezes em apenas trinta anos. E se formos visualizar a partir do surgimento e disseminação da COVID-19, vemos que em 2019 eram 34 pesquisas, e houve uma explosão nos valores em números se comparado a 2020 e 2021, respectivamente em mais de 1500% e 3500%.

No que se refere ao segundo que é o *Scielo* pesquisas, os valores também são bem assemelhados: 1996 (1); 2001 (6); 2005 (10); 2010 (80); 2016 (18); 2020 (2123); 2021 (1938). Ou seja, um aumento de mais de 200 mil vezes em apenas 25 anos. E se tal análise for realizada a partir do surgimento da COVID-19, temos que em 2019 eram 16 pesquisas, e assim, novamente houve uma explosão nos valores em números se comparado a 2020 e 2021, respectivamente em mais de 13.000% e 12.000%.

Um dado interessante que parece passar despercebido é o aumento em 2010 e depois um decrescer desses valores com o passar do tempo até o início da COVID-19 no repositório da *Scielo*. Tal cenário pode ser atribuído à presença em 2009 de uma pandemia que se alastrou pelo mundo, causada por uma cepa do vírus H1N1 da influenza A, “que é geneticamente uma combinação dos vírus da influenza suína, aviária e humana” (TESINI, 2020, p. 1). Muito embora, temos a realçar que esta pandemia do ano de 2009 não foi tão avassaladora para as relações sociais, econômicas, políticas, etc... e nem perdurou pelo tempo ao qual nos é imposto pela pandemia da COVID-19 (BARIFOUSE, 2020). Sendo assim, o decréscimo das publicações pode ser explicado no repositório da *Scielo*.

Mas, pode-se levantar um questionamento, porque esse acréscimo não foi sentido no repositório da Capes? A resposta que consideramos plausível é que as pesquisas constantes nesse repositório são basicamente de Mestrado, Doutorado e Graduação, ou seja, o tempo de duração desses cursos são relativamente longos e assim, logo que a pandemia se instaura e não possui um comparativo avassalador em relação a outras pandemias do passado - como a Peste e a Gripe Espanhola - a tendência é que com o controle da pandemia, esse estímulo à pesquisa sobre ela se esfrie. Desse modo, consideramos por hipótese, o não aumento de pesquisas dessa temática nesse repositório da Capes no período da pandemia da H1N1. De

outro lado, para publicação em revistas científicas, o tempo é bem menor e seu resultado é bem mais rápido, desde a submissão até a publicação.

Em suma, a partir desta simples análise histórico-comparativa entre pandemias e as publicações científicas que se derivou logo após o surgimento destas, temos números consideráveis a ratificar que não apenas com a COVID-19, mas com o surgimento de pandemias no modo geral, temos uma aceleração abruptas das pesquisas relativas a essa temática, sob os mais variados olhares a esse objeto, e dentre eles, aspectos como mortalidade, desinformação, relações sociais, curas, dentre outros elementos que podem ser investigados.

Tendo em vista os argumentos apresentados, temos que o objetivo desta pesquisa é identificar obras ou invenções proeminentes que foram construídas/produzidas em vários campos da atividade humana durante tempos de isolamento social por conta de pandemias através da história. Acreditamos que esse direcionamento contribuirá na compreensão do problema levantado que questiona se durante as pandemias a ciência, as artes, literatura dentre outros campos da atividade humana as invenções e obras são mitigadas a tal ponto que simplesmente deixamos de ter grandes avanços que possam representar quebras de paradigma do seu tempo ou mesmo, esse conhecimento ser tão notável que até nos dias de hoje estaríamos utilizando-o como conhecimento em nossa vida contemporânea.

Com isso, este trabalho colabora em dirimir ou reforçar a ideia de que durante as pandemias, o estado criativo/construtivo das sociedades que são afligidas, torna-se inócuo até que as condições sanitárias sejam plenamente restituídas. Além de que, de certa forma, trazer esperança e resignação para aqueles que são acometidos por tempos turbulentos, e restaurar a fé que a humanidade sempre se supera mesmo frente às adversidades, como assim foi no ontem, é no hoje e será no amanhã.

### **Percurso metodológico**

Esta pesquisa se pautou em uma abordagem qualitativa a partir de pesquisa bibliográfica e documental com a finalidade de se alcançar o objetivo que é identificar obras ou invenções proeminentes que foram construídas/produzidas em vários campos da atividade humana durante tempos de isolamento social por conta de pandemias através da história. Para Gil (2002) a pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica, mas a diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes, pois:

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa (GIL, 2002, p. 44)

Dessa forma em relação coleta, análise e discussão dos dados, temos que primeiramente se fez uma pesquisa que apresentasse os métodos para comparação entre o passado e o presente, no que tange o ofício do historiador. Após isso, se identificou e se descreveu as principais pandemias da história, como também relatou o surgimento da COVID-19 e se

delineou reflexões do modo como essa urgência foi e é lidada pelos governos. A partir daí, se delimitou a nomenclatura obras e inovações para este trabalho, e conseqüentemente a isso, se investigou a existência delas nos diversos campos da atividade humana durante os tempos em que o isolamento social fora necessário por conta de pandemia. Ademais, tais obras ou invenções foram apresentadas em um quadro modelo, e sob cada campo identificado foi aprofundado a pesquisa sobre uma obra/autor realçado com o propósito de se alcançar o objetivo proposto. E por fim, também se fez apontamentos sobre as centelhas que podem ser visualizadas como legados dos tempos sombrios da COVID-19 à posteridade.

### **A história e seus métodos para comparação entre o passado e o presente**

A história se faz de acontecimentos, no qual o homem é o seu agente (GIORDANI; RAMBO, 2013). Dessa forma, alguns acontecimentos podem ser mais profundamente investigados por conta de sua relevância para determinado contexto social local, regional ou mundial, e nessa seara o historiador é o que estabelece aqueles que serão postos à tona, elencados como eventos ou fatos históricos.

No entanto, esse olhar do historiador não é pautado sem critérios, pois, segundo Sobrinho Junior e Moraes (2021, p. 8) deve ser guiado por dois aspectos, “o primeiro trata da questão do tempo e do lugar ao qual ocorreu o evento; e o segundo, é a forma na qual o historiador irá se debruçar sobre esse objeto de estudo, pois o evento histórico fala através do historiador”. Isto posto, podemos considerar *a priori* que fatos históricos qualificados como análogos podem ser comparados entre si, porém, um cuidado metodológico deve ser posto com fins a evitar resultados inconsistentes.

Nesse sentido então, de acordo com Grecco e Albernaz (2019, p. 246), se por um lado ao compararmos eventos históricos distantes no tempo e no espaço temos riscos e dificuldades, também temos possibilidades pois este “pode ser instrumento para questionar as coincidências fortuitas e elucidar os fatores determinantes para a ocorrência de eventos históricos”. Com isso, reforçamos o potencial desse campo de estudo, ao qual possibilita percursos metodológicos diversos, colocando luz sob problemáticas que de outro modo, se poderiam se perder ou serem invariavelmente negligenciada, como por exemplo o estudo de Marc Bloch que contribuiu para uma profunda revisão histórica da região de Provença nos séculos XV, XVI e XVII, ao levantar as mudanças havidas na estrutura de posse de terras (KOCKA, 2003).

Temos então a História Comparada, que por assim dizer, podemos delimita-la para além do simples ato de comparar duas coisas, e sim, é o analisar, cruzar, conectar e/ou correlacionar os fatos históricos através do tempo, por meio de um método fundamentado de pesquisa. Essas pesquisas comparadas podem ser estabelecidas em investigações aos quais os objetos de estudo possuam influências mútuas ou aquelas em que eles não possuam tais influências, temporal ou geográfica. Em relação ao primeiro ponto, Marc Bloch (1928) destaca a pertinência desses estudos pois a investigação de sociedades com relações fronteiriças e de

mesmo tempo histórico e que se relacionam, possuem um grande potencial de resultado assertivo. No que tange ao segundo ponto, Melo (2020, p. 120) aponta que os historiadores não apenas procuram investigar aquelas sociedades síncronas, pois realça que “para Marcel Detienne a comparação poderá percorrer sociedades de tempos diferentes, sociedades simples e complexas, colocando em perspectiva as singularidades, as repetições, o tempo e o espaço”.

Nesse contexto exposto, consideramos então que a investigação comparativa entre sociedades estabelecidas temporalmente e geograficamente distintas, é um desafio maior ao historiador, levando-se em conta: os riscos do anacronismo<sup>3</sup>; da leitura forçada do pensamento do próprio historiador ser posto como verdadeiro pela sua pesquisa; das analogias equivocadas como também das diferenças e similitudes serem apresentadas superficialmente. Dessa maneira, tendendo a invalidar a investigação realizada (CARDOSO; BRIGNOLI, 1983).

Enfim, quanto a origem e o estudo desse campo, autores diversos contribuíram em sua construção, destacamos alguns, como por exemplo, Max Weber em seu trabalho intitulado “*A cidade*” de 1921, que analisava o fenômeno urbano a partir de sociedades distais. Também destacamos Marc Bloch com suas duas obras “*Os reis taumaturgo*” de 1924 e “*Por uma história comparada das sociedades europeias*” de 1928. A primeira traçava um paralelo entre a sociedade francesa e inglesa, no que tange o poder de cura do rei, e o segundo foi advindo do Congresso de Oslo, ao qual o autor desenvolve princípios norteadores da comparação enquanto método sistematizado no campo da história. E no Brasil, ressaltamos Francisco Carlos Teixeira da Silva e seu escrito denominado “*Por uma história comparada das ditaduras*” ao qual vem no esteio de se apresentar um estudo comparativo sobre regimes totalitários.

Assim, o estudo da História Comparada é um campo rico e em evidência – ainda mais em nossos dias - tendo em vista que a globalização nos aponta como caminho os debates transnacionais em detrimento às pesquisas de vieses que busquem o enaltecimento nacionalista, já deixado para trás a partir dos resultados que culminaram - indiretamente - com as duas grandes guerras do século XX, como aponta Barros (2007) ao dizer que:

Respirava-se, em parte significativa da intelectualidade europeia, certo ar de desânimo em relação aos caminhos que tinham sido trilhados através do exacerbado culto ao Nacionalismo que tanto caracterizara a estruturação dos estados-nações nos séculos anteriores. Mais ainda, de modo geral os historiadores tinham desempenhado um papel bastante relevante na organização institucional dos estados-nações, na estruturação de arquivos para registro da memória nacional, na construção de narrativas laudatórias que exaltavam cada nação em particular, e que por vezes chegavam mesmo a conchamar indiretamente à Guerra. (BARROS, 2007, p. 8).

Assim sendo, hodiernamente, questões outras que permeiam um estudo micro (dentro de um contexto local, regional) ou macro (em um contexto mundial) das relações sociais, econômicas, culturais, meio ambiente, sanitárias, etc... também são problemáticas às quais a comparação entre os eventos históricos de locais ou tempos diversos, podem nos apresentar

---

<sup>3</sup> Isto se dá pela interpretação errônea da cronologia pelo historiador, a partir do desalinho e descompasso com o tempo ao qual se investiga. Ou seja, imputa sua própria percepção do tempo ao qual vive ou pesquisa, retratando-o a uma época distinta.

respostas relevantes não apenas para (re)descobrir o passado, como também entender o presente ao qual estamos vivenciando, possibilitando a reflexão sobre ele.

No que tange a aplicação metodológica da história comparada, Assis (2018, p. 59) discorre que “esse trabalho vai além de um simples uso do comparativismo histórico, que pode ser utilizado em qualquer outro campo. [pois] É necessária uma sistematização em que a comparação atravesse todo o trabalho”. E assim, nos apresenta oportunamente três vieses para essa construção: o primeiro se estabelece nas orientações presentes nos escritos de José D’Assunção Barros; o segundo no “Modelo Detienne”; e por fim, através do uso de teorias.

Em relação ao primeiro, a autora elenca e sintetiza em cinco pontos, os procedimentos metodológicos apresentados por José D’Assunção Barros para o tratamento de pesquisa em história comparada, a saber:

Primeiro, a escolha de dois ou mais campos de observação. Por segundo, a seleção de uma escala que pode ser civilizacional, nacional, regional, grupal, individual, etc. Terceiro, complementar a comparação com outras abordagens relacionais, como a História Cruzada, História Transnacional, História Entrelaçada e História Interconectada. Quarto, o uso intradisciplinar, ou seja, unir a História Comparada com outros campos historiográficos que será determinado pelo objeto e pode ser, por exemplo, História Política, História Cultural, História Social, entre outros. Quinto, utilizar de uma perspectiva: individualizadora, diferenciadora, universalizante ou globalizante. (ASSIS, 2018, p. 59)

Este modelo propõe que os eventos possam ser mutualmente visualizados através da comparação recíproca, pois cada um desses pode evidenciar elementos presentes nos outros. Conquanto, “antes de comparar, precisamos primeiro estudar o particular de cada objeto para depois compará-los. Desta forma, entendermos o que ocorreu em cada caso e quais fatores comuns e suas diferenças” (ASSIS, 2018, p. 59).

No que tange ao segundo, a autora discorre sobre o “Modelo Detienne” que se estabelece em um método baseado em pesquisas múltiplas, com fins a comparar o incomparável. Este modelo se propõe a comparar sociedades distantes temporalmente e geograficamente, por meio de investigações de autores diversos, e isso é o olhar plural desse método. Assim, “neste modelo, primeiramente, cada pesquisador possui um projeto individual. Em seguida, se desenvolve um problema comum a todas estas pesquisas. Por fim, cria-se um campo experimental para debater os resultados de cada projeto” (ASSIS, 2018, p. 59).

Então, por meio desses debates estabelecidos em cada um desses projetos – a partir de um foco em comum - cada resultado pode trazer à tona evidências as quais outros não elencaram e desse modo, corroborar ou refutar pensamentos correntes por meio dos elementos/vestígios apresentados, a partir dos olhares de múltiplos pesquisadores. Podemos considerar então que este modelo, nos traz a perspectiva balizadora da investigação e do método científico, que é o debate entre os pares para trazer a neutralidade e a distância necessária entre o investigador e o objeto em estudo, com fins a não macular os resultados da pesquisa.

E por fim, o terceiro ponto trata do uso de teorias. A autora ressalta que nesse modelo são investigados de forma complementar, as individualidades e os fatos concretos aos quais estas estão vinculadas. Ou seja, “não devemos nos voltar para questões abstratas, e sim

trabalhar o conceito a partir do caso [concreto] analisado. Por exemplo, utilizar o conceito “guerra” para estudar “Segunda Guerra Mundial” e não estudar o conceito “guerra” *per se*” (ASSIS, 2018, p. 60).

Nesse sentido, segundo Prado (2005, p. 13), podemos diferenciar a História Comparada dos estudos relativos às Ciências Sociais, pela primeira não se estabelecer a partir de generalização e análises constituídas por modelos pré-concebidos, e sim, pela valorização dos “dados empíricos (suas fontes) que configuram as singularidades históricas”, pois, tal percepção é inerente ao ofício do historiador. Isto posto, Assis (2018, p. 60) nos apresenta alguns métodos necessário às investigações em História Comparada que permeiam a “busca por individualidades, diferenças ou singularidades; recorte temporal, sendo o tempo o principal elemento da história; recorte espacial; análise do contexto histórico e uso intensivo de fontes”. Ademais, temos que os objetos a serem pesquisados devem estar em número de dois ou três pelo menos, sob os perigos de que o volume dos dados e a complexidade do estudo, possam acarretaram nos riscos já citados anteriormente.

### O homem e as pandemias através do tempo

As doenças e males seguem o homem desde tempos antigos, assim sendo essas enfermidades que acomete(ra)m as sociedades passaram a ser nomeadas e classificadas com a finalidade de se buscar a mitigação dos sintomas ou sua cura completa. Ao passar dos séculos e o progresso da ciência, males que antes eram tratados através de “receitas mágicas” ou “ervas secretas” passaram a ter sua eficácia comprovada ou rechaçada através de pesquisa com valor científico. Essas classificações foram além de sua individualização como também se referem a abrangência geográfica, dessarte quando a doença alcança índices geográficos de nível mundial, é denominada pandemia. Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS (OMS, 2020) o termo pandemia se refere a distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. De forma geral, essas doenças se iniciaram por surtos em regiões que avançaram para epidemias e essas epidemias se alastraram pelos continentes.

Durante a história, além das conquistas homéricas de grandes povos e reinos e dos avanços tecnológicos, a história do homem foi marcada por surtos, epidemias e pandemias. Essas doenças por vezes transformaram ou dizimaram povos inteiros e sem dúvida mudaram os rumos da história como a conhecemos. É interessante destacarmos as maiores catástrofes pandêmicas para percebemos o quanto são letais e preocupantes são para os homens e o quanto influencia(ra)m a sociedade na qual acometeu. Os dados de algumas dessas doenças que ocorreram durante a história estão dispostos no Quadro 1.

Casos de Pandemias através da História			
Tipo/Ano	Episódio	Alcance Geográfico	Principais Sintomas da Enfermidade / Patógeno
Pandemia 251 a 266 d.C.	A Peste do Século III	Grécia, norte da África e Itália, devastando o Império Romano	Relato de São Cipriano: Iniciava-se por um fluxo de ventre que esgotava as forças. Os doentes queixavam-se de intolerável calor interno. Logo se declarava angina dolorosa; vômitos se acompanhavam de dores nas entranhas; os olhos injetados de sangue. Em muitos doentes, os pés ou outras partes atingidas pela gangrena, destacavam-se espontaneamente. Em Roma e em certas cidades da Grécia, morriam até cinco mil pessoas por dia  Patógeno (provável): vírus Orthopoxvirus variolae.
Pandemia 542 d.C.	Peste Justiniana	do Império Bizantino espalhou-se pelos países asiáticos e europeus	Relato de Procópio: Subitamente, os doentes apresentam febre ligeira; passado um dia ou mais surge um bubão em ambas as regiões, inguinal e axilar, ou em outra parte do corpo. [...] A partir daí há diferenças individuais; alguns entram em coma, outros em delírio. [...] Alguns morrem logo, outros depois de muitos dias; e os corpos de alguns mostram bolhas negras do tamanho de uma lentilha [...] e muitos morrem vomitando sangue[...]  Patógeno (provável): bactéria Yersinia pestis
Pandemia Século XIV	Peste Negra do Século XIV	Ásia, África e Europa	Relato de Guy de Chauliac: A grande mortandade teve início em Avignon em janeiro de 1348. A epidemia se apresentou de duas maneiras. Nos primeiros dois meses manifestava-se com febre e expectoração sanguinolenta e os doentes morriam em três dias; decorrido esse tempo manifestou-se com febre contínua e inchaço nas axilas e nas virilhas e os doentes morriam em cinco dias. Era tão contagiosa que se propagava rapidamente de uma pessoa a outra; o pai não ia ver seu filho nem o filho a seu pai; a caridade desaparecera por completo.  Patógeno: bactéria Yersinia pestis
Pandemia Século XIX	Cólera	Todos os Continentes	Causada por água ou alimento contaminado originário da falta de tratamento e higiene. Os principais sintomas tratam de intensa diarreia, enjoo e cólica.  Patógeno: bactéria Vibrio cholerae
Pandemia 1918-1919	Gripe Espanhola	Todos os Continentes	Sintomas semelhantes a gripe comum, sendo agravada pela infecção dos pulmões, acarretando pneumonia e seu agravamento a morte em poucos dias.  Patógeno: Influenza vírus H1N1
Pandemia a partir do final do século XX	AIDS	Todos os Continentes	É uma doença que ataca o sistema imunológico diminuindo as proteções do corpo, que a partir daí, sofre ataque de outras doenças que pode matar o paciente.  Patógeno (provável): HIV é a sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana
Pandemia 2009	Gripe Suína	Todos os Continentes	Semelhante a gripe, é transmissível pelo ar ou onde o vírus se depositar. Pode evoluir agravando o quadro respiratório, podendo ocasionar a morte do paciente.  Patógeno (provável): Influenza A (H1N1)

Fonte: Bellei e Melchior (2011), Forattini (1993), Rezende (2009), Santos (1994) e Silveira (2005)

Percebe-se que as pandemias estão cada vez mais presentes à medida que a população mundial está cada vez mais conectada, e assim, essas doenças que se apresentam em maior ou menor grau de virulência causaram milhares e/ou até milhões de vítimas durante a história. Dentre essas pandemias destacaremos sintetizadamente acerca das mortes atribuídas à Gripe Espanhola e a Peste Negra. Em relação a Peste se calcula em torno de 75 a 200 milhões de vidas perdidas, sendo que na Europa 1/3 da população pereceu. As sociedades precisaram de pelo menos dois séculos para se recuperar, no entanto no século XVIII novamente a doença volta à cena na Europa causando um número elevado de mortes e caos em Londres (CAMPOS FILHO, 2020). No que se refere à Gripe Espanhola, os números não se assemelharam ao da Peste, mas as mortes diárias na Europa e nos Estados Unidos foram assombrosas, acarretando entre 40 e 50 milhões de vidas perdidas (COSTA; MERCHAN-HAMANN, 2016).

### O homem e a pandemia da COVID-19: Contextos e Reflexões

Inicia-se a partir do final de 2019 quando rumores sobre uma nova gripe estar em transmissão no sudoeste da Ásia com foco na China. As origens do coronavírus se deram provavelmente de origem natural, através de mutações em animais silvestres como o morcego e pangolins, e neste cenário os mercados de vendas de frutos do mar e de animais silvestres da região de Huanan na Província de Wuhan – China é o provável ponto zero da doença. No entanto, outros contágios que não estiveram diretamente em contato com os mercados de Huanan foram identificados, permitindo novas investigações sobre sua exata origem. Muito embora, tenha-se por certo que esta se encontra no sudoeste asiático (GRUBER, 2020).

171

Ao conhecer que essa síndrome respiratória se tratava de um vírus do tipo corona, seria em tese viável encontrar-se semelhanças com outros para facilitar o tratamento. Coronavírus é um tipo de vírus que se caracteriza por causar infecções respiratórias. Estes já foram descritos desde 1937 por sua aparência ser semelhantes a uma coroa. Além disso já foram responsáveis por outros surtos, epidemias e pandemias, como por exemplo o MERS-CoV que foi o causador da Síndrome Respiratória do Oriente Médio – MERS e a própria Gripe Espanhola (LIMA, 2020). Tendo em vista ter sido identificado como um resfriado ainda sem identificação as orientações básicas contra a infecção eram baseadas em prevenções relativas ao sistema respiratório (OMS, 2020).

A doença causada pelo novo coronavírus não tinha identificação própria, e assim, foi nomeada em 11 de fevereiro de 2020 sob a sigla COVID-19, abreviação de COrona VIRus Disease, em português podendo ser traduzida por doença do Coronavírus. O vetor foi chamado de SARS-CoV-2 e a doença foi classificada como pandemia no dia 11 de março (OMS, 2020) (ASSUNÇÃO *et al.*, 2020). Esse nome traz um novo paradigma no que se refere a tendências de nomenclaturas de surtos, epidemias ou pandemias. Pois, a inclinação dessas nomenclaturas terá como foco evitar a locais, animais ou grupos de indivíduos com a finalidade de impedir movimentos xenófobos, políticos, racistas ou outros assemelhados, como no caso da Gripe Espanhola (SOBRINHO JUNIOR; MORAES, 2020). À Espanha foi atribuída a gripe pois enquanto outros países se negavam e faziam segredo quanto à doença

que devastava trincheiras – por vezes mais que a própria guerra -, a Espanha por estar em neutralidade na Primeira Grande Guerra davam as primeiras informações sobre essa nova doença, e pôr fim a doença foi taxada como sendo daquele país. Dessarte, é provável que tenha sido originada em campos militares no Texas – EUA e de lá exportada ao front de batalha na Europa (GOULART, 2005).

Acerca do avanço da pandemia da COVID-19 no Brasil e no mundo, é interessante apontarmos reflexões que decorrem desses tempos turbulentos. Desse modo, dentre outras pesquisas, ressaltamos o trabalho de Pereira, Marques e Araújo (2020) que analisa e expõe em um formato de *timeline*, as imbricações que se aventam e se entrecruzam - sob o olhar do tempo presente - as relações entre a política e o mundo em tempo de pandemia. Essa pesquisa perpassa os primeiros 150 dias da pandemia e a pontua cronologicamente de forma quinzenal os eventos. Conquanto, não é nossa intenção nos aprofundarmos sobre esse trabalho em si, e sim, sobre as reflexões nas quais os momentos de crise podem trazer à tona, dentro da sociedade.

Assim sendo, esse olhar para o hoje – e a necessidade de refletirmos sobre ele - enquanto evento histórico está entrelaçado com o que chamamos de atualismo. Segundo Pereira e Araújo (2021, p. 3) o atualismo “é uma categoria que busca compreender alguns aspectos de como vivenciamos as urgências de nosso próprio tempo”. Nesse direcionamento quanto às urgências que nos são apresentadas e a forma como foi e são lidadas pelos Estados e pelo mercado, Harari (2020) discorre da seguinte forma sobre os tempos da pandemia da COVID-19.

172

A humanidade agora está enfrentando uma crise global. Talvez a maior crise da nossa geração. As decisões tomadas pelas pessoas e pelos governos nas próximas semanas [escrito em abril de 2020] provavelmente moldarão o mundo nos próximos anos. [...] Muitas medidas emergenciais de curto prazo se tornarão um elemento da vida. Essa é a natureza das emergências. Eles avançam rapidamente nos processos históricos. As decisões que em tempos normais podem levar anos de deliberação são aprovadas em questão de horas. Tecnologias imaturas e até perigosas são colocadas em serviço, porque os riscos de não fazer nada são maiores. Países inteiros servem como cobaias em experimentos sociais em larga escala. O que acontece quando todos trabalham em casa e se comunicam apenas à distância? O que acontece quando escolas e universidades inteiras ficam online? Em tempos normais, governos, empresas e conselhos educacionais nunca concordariam em realizar tais experimentos. Mas estes não são tempos normais. (HARARI, 2020, p. 1).

A partir desse pensar, podemos discutir alguns direcionamentos<sup>4</sup>, no entanto, destacaremos: a natureza do avanço agressivo das deliberações no contexto das grandes crises. Nesse cenário realçamos três tópicos: o fechamento das instituições escolares; a naturalização da vigilância individual e da desinformação; o desenvolvimento de vacinas e suas aprovações em tempo recorde. Ao tratarmos do que diz respeito ao fechamento das escolas, Sobrinho Junior e Moraes (2020) ressaltam os reflexos sociais diversos que foram acarretados a partir do surgimento da pandemia da COVID-19, a saber:

a interrupção do aprendizado; alimentação escolar; adaptação dos professores a nova realidade tecnológica; pais sem preparação para as atividades em ensino remoto e em casa; desafio na melhoria e manutenção do ensino remoto; lacunas de assistência às crianças; aumento na taxa de evasão escolar; isolamento social das crianças; e, os desafios para validar e medir o aprendizado, tendem a afetar de forma direta e indiretamente esses indivíduos, principalmente

4 Somente para deixar claro que a importância para o nosso trabalho de se pensar tais direcionamentos, se dá, pois, são essas emergências que podem moldar a aceleração do desenvolvimento e implementação - para o bem ou para o mal - das obras e inovações advindas desse momento histórico, da pandemia da COVID-19.

aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade e injustiça social. (SOBRINHO JUNIOR; MORAES, 2020, p. 128).

Como resposta a esse cenário é apresentado que haja um maior diálogo entre o Estado, a escola, o aluno e a família, com fins a dirimir tais consequências advindas do fechamento das instituições escolares.

No que concerne ao segundo tópico que versa sobre a naturalização da vigilância individual, temos um ponto nevrálgico que no contexto de outras pandemias<sup>5</sup> era desconhecido, que é a infraestrutura presente no mundo digital. Isto posto, temos que os aparatos digitais – Global Position System - GPS, *smartphones*, câmeras de reconhecimento de facial ou de temperatura, etc... - que possuem conexão ou não com a internet, estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano, fazendo com que a pervasividade dessas ferramentas façam com que nos tornemos corpos com tecnologias e tecnologias com corpos (BAIRRAL, 2015).

A partir disso, se abre uma brecha para que o Estado como também os grandes conglomerados privados da área da tecnologia, se aproveitem dessa incessante gana consumista e capitalista dos indivíduos<sup>6</sup>, aliada ao isolamento social advindo da pandemia da COVID-19 que massificou o contato diário entre o indivíduo com a tecnologia. Esse contato, seja por lazer ou trabalho foi acarretado respectivamente, pelo fechamento das escolas e o consequente uso do *smartphone* e do computador para realização das atividades escolares, como também pelo *homeoffice*. Dessa forma, se naturalizou o realizar dos afazeres remotamente. Nesse cenário, a vigilância estatal busca implantar um controle do cidadão através de diversos meios, seja ele digital ou presencial, até que com o início da flexibilidade do isolamento social, tal ação começa a ser questionada, como é dito por Gomes (2021) da seguinte forma:

Conforme o aumento da presença das pessoas nas ruas durante a pandemia era detectado a partir de dados de localização compartilhados entre os setores empresarial e governamental, as imbricações do capitalismo de vigilância – que passa pelas plataformas de redes sociais – começaram a ser amplamente questionadas. (GOMES, 2021, p. 1).

Tais movimentos são de interesses do capital e de seus grandes mercadores, fazendo com que essas vigilâncias perpassem o limite entre o individual e o plural, entre a democracia e o Estado forte, controlador e vigilante ao extremo de seus cidadãos, como é discutido por Harari (TV CULTURA, 2020) de que os governos podem usar desses tempos de pandemia para incluir vigilâncias e prorrogá-las indefinidamente. E prossegue destacando que antes o controle era sobre a pele e nos tempos digitais vemos um controle sob a pele, pois o governo não quer mais saber apenas onde e quando vamos, ou mesmo onde estamos, mas até o que pensamos e que se passa literalmente dentre de nós, e com isso, a pandemia da COVID-19 pode ser um divisor de água entre a nova e velha forma de vigilância ao cidadão. E então, ele conclui discorrendo que “podemos optar pelo empoderamento dos cidadãos, confiando que as pessoas farão as escolhas certas [E assim] Não podemos achar que [o] policiamento de uma população desinformada é o único jeito de se enfrentar uma epidemia” (TV CULTURA, 2020, p. 1).

5 Citamos por exemplo, o poder de coerção e de controle da vigilância estatal apresentada por Foucault, em seu livro “Os anormais”, ao qual destaca a forma dispar em que era tratado o leproso e o pestilento, respectivamente pela exclusão da comunidade e pela quarentena.

6 Que é explorada dia a dia nos noticiários e propagandas, das TVs, dos rádios e mesmo nos banners das ruas.

Assim, um forte aliado desses movimentos de interesses mercadológicos e de domínio, são aqueles que passam pela desinformação estruturada e institucionalizada pelo Estado. Aqui destacamos que “as direitas têm se beneficiado da desinformação, alimentando e sendo alimentadas por um ambiente amplamente favorável à disseminação das chamadas *fakenews*” (PEREIRA; ARAUJO, 2021, p. 3). Nesse panorama realçamos movimentos neoliberais de cunho político civil-militar que se destacam nesse campo, como o *Bolsonarismo* no Brasil e o *Trumpismo* nos Estados Unidos. Sob esses governos, o enfrentamento ao estado de direito e as instituições democráticas - em ambientes virtuais e reais - são práticas corriqueiras, como por exemplo, na inferiorização e insultos as minorias; em narrativas de fraudes eleitorais e na indicação de uso de medicamentos sem comprovações efetivas de combate à pandemia da COVID-19, como no caso da hidroxicloroquina e ivermectina. Dessa forma, esses movimentos neoliberais vão inoculando paulatinamente seus discursos de ódio e de pós-verdade. E se tal cenário não for combatido, podemos ter nesse sentido, novos movimentos mais fortalecidos no contexto pós-pandêmico da COVID-19, sendo este, um grande e grave problema a ser repellido.

Quanto ao terceiro tópico que traz o avanço das tecnologias e do conhecimento científico para o desenvolvimento das vacinas em tempo recorde, tal feito se deu pela redução dos prazos antes estabelecidos para outras vacinas, como também pelo avanço das tecnologias para tal, e assim, a pandemia da COVID-19 abre um novo horizonte à escrita da história da saúde e da doença. Para que se tenha uma ideia do tempo dispensado para que uma vacina fosse validada nos Estados Unidos, apresentamos a Tabela 1.

Tempo para aprovação de uso de vacinas nos Estados Unidos				
	Vacina contra	Início das pesquisas para fabricação da vacina	Ano de aprovação de uso nos Estados Unidos	Total de anos/meses
1	Malária	1880	-	Não aprovado
2	Tuberculose	1882	1927	45
3	Febre tifoide	1884	2017	133
4	Meningite	1889	1981	92
5	Coqueluche	1906	1948	42
6	Dengue	1907	2019	112
7	Pólio	1908	1955	47
8	Zica	1947	-	Não aprovado
9	Catapora	1953	1995	42
10	Sarampo	1953	1963	10
11	Citomegalovírus	1960	-	Não aprovado
12	Hepatite B	1965	1981	16
13	Rotavírus	1973	2006	33
14	Ebola	1976	2019	43
15	HPV	1981	2006	25
16	Aids	1983	-	Não aprovado
17	COVID-19	2020	2020	10 meses

Fonte: Costa e Tombesi (2020) Adaptado

Assim, de acordo com o apresentado, temos a delinear que a vacina contra a COVID-19, foi a que teve a indicação de uso em menor tempo, ou seja, 10 meses. Esse cenário permite se pensar nos avanços que essa descoberta pode trazer ao contexto da imunização, a partir de agora. Não menos importante, temos outras vacinas que mesmo após mais de cem anos de início de estudos ainda não se efetivou como no caso da vacina com a Malária. Uma das teorias levantadas para essa situação é de que “as doenças que afetam as populações mais pobres do planeta, como a malária, são o primo pobre da pesquisa biomédica, e é por isso que vacinas e curas continuam longe de quem precisa delas” (MULALA, 2002, p. 1). Conquanto, é consenso no meio científico, como explica o infectologista André Siqueira da Fiocruz, de que “o parasita causador da malária é diverso e tem uma capacidade de mutação muito grande. E isso faz com que seja quase impossível desenvolver imunidade após a infecção” (BIERNATH, 2021).

Em suma, consideramos que discussões e reflexões possam advir de hipóteses concernentes a preferências que se dá ao desenvolvimento de curas e vacinas para doenças específicas, levando em conta, estarem ou não presente nos países mais ricos. Mas, longe desses diálogos, temos a indicar como fato, é de que o campo da saúde já possui perspectivas factíveis de dias melhores no que tange a imunização por meio das vacinas.

## Resultados e discussões

A princípio, é relevante delimitarmos o que consideramos que seja “obras e inovações” para esta pesquisa. E assim, explicarmos o porquê de sua relevância para serem postas como proeminentes para determinado contexto, neste caso os tempos de isolamento social advindos de pandemias durante a história.

Isto posto, por um lado, delimitamos a terminologia da nomenclatura “obras” como sendo aqueles feitos e/ou ações às quais trouxeram impacto e relevância tanto em sua época, quanto nos séculos seguintes. De outro, adotaremos por conceito de inovação o apresentado por Plonsky (2017) que diz:

Inovação é a criação de novas realidades. Essa declaração singela realça características essenciais da inovação. Em primeiro lugar, ao ser criação ela é, ao mesmo tempo, o processo e o resultado de fazer existir algo que não havia e, por extensão, também de dar novo feito ou utilidade a algo que já existia. Ao ser também entendida como processo a inovação deixa de ser percebida como fruto exclusivo de lampejos de inventividade ou engenhosidade, que certamente são bem-vindos e importantes. Ela passa a ser compreendida como um conjunto estruturado de ações ou operações visando a um resultado e, portanto, a inovação é propensa a ser estimulada, promovida e gerida. É, por conseguinte, um campo pluridisciplinar fértil para aplicação de conhecimentos e práticas de administração, direito, economia, engenharia, medicina e psicologia, entre outras. (PLONSKI, 2017, p. 7)

Nesse sentido então, as obras não são simplesmente feitos e/ou ações sem relevância, pois são revestidas de inovação no momento em que criam novas realidades, e assim, se constituem – ao olhar e critério do historiador em seu ofício - como eventos históricos, por meio de sua existência. E nesse sentido, podem se evidenciar como sustentáculos de um

determinado campo da atividade humana em um sentido de continuidade do tempo. Como também, diametralmente, podem se estabelecer como o momento da ruptura de certos modelos estabelecidos em determinado tempo e lugar, e assim, estarem em proeminência no contexto do devir/mudança a uma nova realidade, tornando-se assim, presentes, relevantes e atemporais a partir de sua criação. Logo, pondo-se como – possibilidade de ser - elemento chave do desencadear de uma força motriz, fazendo com isso, girar a roda da história.

Após delimitarmos o pensamento que permeia os conceitos de obras e inovação neste estudo, passamos a apresentar algumas obras e inovações – identificadas em nossa investigação a partir da coleta dos dados - em diversos campos da atividade humana, que foram criados e/ou desenvolvidos a partir do isolamento social dos indivíduos, ato tão necessários em tempos de pandemia, conforme disposto no Quadro 2.

Inovações e obras durante epidemias				
Episódio	Alcance Geográfico	Personagem	Período Lugar	Inovação/Obra
Peste Negra	Literatura	Giovanni Boccaccio	Itália século XIV	Decamerão é uma obra muito importante por retratar a realidade vivida na Europa durante o século XIV, inclusive durante a pandemia. Além disso, é um dos livros que rompem com o estilo medieval de literatura e abrem caminho para a escrita realista.
Peste Negra	Literatura	Thomas Nashe	Inglaterra século XVI	Recluso no interior do país, em 1592, Nashe escreveu a peça Summer's Last Will and Testament ("Último Desejo e Testamento do Verão", em tradução livre), que traz suas observações e experiências durante o tempo da quarentena.
Peste Negra	Artes	William Shakespeare	Inglaterra século XVII	Sem poder fazer novas apresentações pelos teatros fechados. O escritor inglês começou a escrever. Uma delas foi Rei Lear, apresentada para a família real inglesa em dezembro de 1606. É uma das histórias mais sombrias de Shakespeare, e possui uma grande influência do período de epidemia.
Peste Negra	Ciências	Isaac Newton	Inglaterra século XVII	Em 1665, a cidade de Londres, na Inglaterra, sofreu uma epidemia de peste bubônica, resultando em um período chamado de Grande Praga de Londres. No isolamento, ele concluiu teorias de matemática de sua faculdade e fez experimentos com prismas e iluminação, que seriam fundamentais para a elaboração de suas teorias sobre ótica e gravidade, deixando seu nome marcado como uma das mentes mais importantes da ciência em toda a história.
Cólera	Literatura	Anton Tchekhov	1892-1899	As epidemias frequentes de cólera na Rússia fizeram Anton Tchekhov ter tempo e inspiração suficientes para escrever alguns de seus contos mais conhecidos. Entre 1892 e 1899, ele viveu em uma propriedade de Melikhovo, onde escreveu Ward No.6 e O Monge Negro.
Gripe Espanhola	Artes	Edvard Munch	1919	Na gripe espanhola, em 1919, Munch foi uma das vítimas da doença, mas sobreviveu à infecção. O artista, morando na Noruega, decidiu fazer um autorretrato chamado "Autorretrato com a Gripe Espanhola".

Fonte: Magalhães (2020), Evarini (2020), Fernandez (2020) e Carbinatto (2020) adaptado

Vemos que a despeito das necessidades de isolamento por razões das pandemias, mentes brilhantes descobriram, desenvolveram e/ou construíram obras e inovações que mudaram ou aperfeiçoaram para sempre diversos campos da atividade humana. E assim podemos citar a obra *Decamerão* de Boccaccio que foi um paradigma na forma de escrita em sua época em pleno surto da peste negra. Como também Nashe e Shakespeare na Inglaterra e suas peças teatrais. Outro a ser citado é Newton nos tempos da Grande Praga de Londres que em isolamento assentou os princípios da física nos quais a ciência se assenta ainda nos dias hoje. Na Rússia, Tchekhov e os seus contos, além também de Munch e suas pinturas.

Para melhor exprimir a importância dessas obras a diversos campos da atividade humana como literatura, artes e ciências. Vamos discorrer sobre um autor de cada um desses campos. E para tal destacaremos no campo da literatura a obra *Decamerão* de Boccaccio, às artes pontuaremos Shakespeare e por fim, às ciências Isaac Newton.

Sobre o campo da literatura temos Giovanni Boccaccio. Este nasceu em Florença em junho de 1313 ou em Certaldo em dezembro de 1375 e foi um poeta e literário que era estudioso das obras de Dante. Seu livro principal foi *Decamerão*, que do grego significaria as dez jornadas ou dez dias. Este livro foi escrito entre 1348 e 1353 e se fundamenta em um compêndio de 100 histórias contadas por dez indivíduos, sendo sete mulheres e três homens. Esses indivíduos fogem de Florença durante a peste e relatam suas experiências. O livro é tido como uma ruptura entre a escrita medieval de cunho romântico e o realismo no qual o divino perde seu status orientador para o próprio homem como condutor de suas ações (CAVALLARI; BASILE, 2015).

No que se refere ao *Decamerão* de Boccaccio e a sua vanguarda, este perpassa na forma da escrita presente nos tempos medievais à realista. Por estar envolto a questões relativas à pandemia da Peste, esta se tornou fundamento para o *Decamerão*. A sua narrativa trouxe elementos mais descritivos na forma da escrita, em referência a forma de se descrever o impacto que a pandemia trouxe aquela sociedade, de forma mais verossímil, real.

O realismo do século XIX remonta à França em reação ao romantismo, esse movimento se fundamentava em um enfoque objetivo do mundo real em contraponto ao subjetismo romântico, predominante na idade média. Arêas e Cambeiro (2002) destacam a importância de Boccaccio nessa ruptura.

Nesse sentido, G. Boccaccio é realista. Em especial porque seu Realismo *avant la lettre*, ao observar o ser humano em situação e ao “fotografá-lo”, como pretendiam os realistas, dele representa o dom e a capacidade em saber como viver frente a confrontos com as principais forças que movem a humanidade: o amor, o prazer, o ódio, a felicidade, a dor etc.. Criadas em dimensão terrena e laica, as personagens boccaccianas ignoram o drama do pecado da forma como é compreendido por Dante e por Petrarca e, em geral, pela Idade Média. (ARÊAS; CAMBEIRO, 2002, p. 1)

Essa forma de escrita o torna - juntamente com Dante - como responsável pela abordagem vulgarizada da língua neolatina contribuindo para o uso mais abrangente da língua italiana em detrimento do latim, e com isso é considerado o pai da literatura realista e do gênero novelesco (ZATTERA, 2014). E a obra *Decamerão* se torna seu maior destaque, consagrando-o no hall dos literatos italianos (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012).

Sobre essa obra Lombardi (2012) a considera como uma obra de ruptura à época pois não trata de edificar as formas literárias medievais e sim no seu oposto em um mundo narrável e possível de ser descrito, até ao ponto de ser palpável sua extensão. Ao tratar a descrição realista da peste, a escrita vai de encontro à visão alegórica da mesma – como uma forma punitiva do divino - para a descrição mais pura e realista. Ainda que o livro tenha uma natureza clássica em princípio, a partir de uma leitura mais aprofundada se revela uma perspectiva nova e surpreendente, onde encontramos a literatura como arte e ficção. Dessarte, o Decamerão “cria seu próprio futuro, por representar uma mimese abrangente de sua época e, ao mesmo tempo, realizar uma ruptura irônica radical, ou elusiva: modelo da comédia renascentista e também um paradigma hermenêutico do uso da ironia” (p. 180).

Deoutrolado, Salles e Pinheiro (2015) destacam o debate que tratam historiograficamente a obra como um momento de ruptura no campo da literatura ao destacarem que:

Mesmo após esta vasta ambientação do debate historiográfico sobre temporalidades e particularidades de cada perspectiva, não pretendo aqui colocar a Florença de Decameron como uma classificação pré-estabelecida de periodização. Não buscamos classificar a obra nem o período como pertencente à época medieval ou Renascentista (SALLES; PINHEIRO, 2015, p. 103)

A partir da visão das autoras notamos que a obra Decamerão mantém sim, discussões e debates na qual o tratam por vezes por uma obra de ruptura na literatura em determinado contexto temporal, e assim sendo reforça a hipótese de estar ser uma obra de relevância para seu campo de estudo.

178

Enfim, levando-se em conta seu protagonismo na forma de uma escrita realista frente ao usual romantismo medieval, a obra Decamerão trouxe uma nova visão e roupagem para a literatura da época, durante a Peste Negra que devastava a cidade de Florença na Itália. Logo, enquadra-se e permite considerá-la como um ponto de destaque de obra/ inovação durante as quarentenas necessárias nos tempos de pandemia.

Acerca do campo das artes destacamos William Shakespeare. Este nasceu em 1564 na cidade Stratford-upon-Avon e foi considerado como o maior e mais influente dramaturgo e poeta inglês. A relevância de Shakespeare é destacada nos dias de hoje inclusive no quantitativo de citações das suas obras através de “inúmeros livros, filmes, periódicos, trabalhos de graduação, entre outros, sobre o dramaturgo aumenta, fazendo com que a bibliografia e os temas abordados tornem-se ainda mais extensa” (CHAGAS, 2015, p. 10). Apenas em uma busca simples com o termo “Shakespeare” no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (2020) temos 358 menções. Tal importância contemporânea é corroborada quando se destaca que “400 anos após sua morte, a obra do dramaturgo inglês continua emocionando, suscitando debates e estudos e cativando um público gigantesco ao redor do mundo (BUENO, 2016, p. 61). Essa relevância de Shakespeare é corroborada em Correa (2004) quando este discorre sobre a presença do dramaturgo nos cânones da literatura nos qual há vinte e seis escritores, ao qual juntamente com Dante formam o centro deste cânone tendo em vista superarem os demais escritores ocidentais em acuidade cognitiva, energia linguística e poder de invenção.

Em sua época, ele não era desconhecido pois tão logo Shakespeare se muda para Londres aproximadamente no ano de 1588 seu trabalho foi logo aclamado pela inovação e qualidade. E assim, já na virada do século XVI para o XVII ele era o mais celebrado, reconhecido e famoso da corte elisabetana pela forma como suas peças se desenrolavam como também pelos textos nelas apresentado, além de destacar as montagens e performances de palco (BUENO, 2016). Em Londres foi onde ele escreveu suas maiores peças como: A Comédia de Erros, A Megera Domada, possivelmente Tito Andrônico, Henrique VI e talvez ainda Ricardo III. É bom lembrar que da chegada de Shakespeare a Londres até a primavera de 1594 todos os teatros foram fechados, o que dificultou a continuidade do seu trabalho junto às companhias teatrais (CORREA, 2004). Esse fechamento se deu por conta da Peste que grassou a cidade na época, justificando sua relevância para esse estudo.

Os reflexos das obras de Shakespeare vão além do campo da literatura e chegam até na psicanálise com Freud e Nietzsche. No que se refere a Nietzsche, passagens de livros como Aurora e O Nascimento da tragédia trazem interpretações de obras de Shakespeare como a avaliação moralista presente no protagonista em Macbeth, como também a hesitação e o agir do príncipe apresentado no primeiro ato da tragédia em Hamlet (SUSSEKIND, 2012). Ao citarmos Freud, Shakespeare torna-se presença constante em sua obra pois pelo menos 78 referências suas foram encontradas nos livros do cânone psicanalista. Percebe-se então que Shakespeare serviu a Freud como um eco de suas teorias e interpretações, a partir de personagens por ele tomado como Otelo e Macbeth, tal como se “criasse seus próprios Hamlet na interpretação dos sonhos e o seu próprio Lehar nos Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade e Mais Além do Princípio do Prazer” (CORREA, 2004, p. 23).

E por fim, sua genialidade visionária ao escrever peças dentro de outras peças como em Hamlet e do uso da ironia e metáfora em Macbeth para retratar seu país. Não menos importantes sua ousadia na criação de vernáculos inexistentes na língua inglesa e nos artifícios introduzidos nos palcos e que ainda nos dias de hoje são estudados e permanecem inovadores. E assim, ele viveu em tempos de transição do feudalismo à era moderna e isso não o fez temer em romper barreiras e representar os extremos em um contexto de uma sociedade em recomposição (BUENO, 2016). Enfim, não se pode negar que a obra de Shakespeare atija ainda nos dias de hoje, a inovação e a ousadia que provém de uma mente inventiva, engenhosa e fértil em pleno tempos de pandemia da Peste Negra.

O terceiro campo é o das ciências, nele realçamos Isaac Newton um cientista ímpar, brilhante, o pai da ciência moderna. Ele nasceu no Natal de 1643. Filho único, foi estudar em Cambridge e se enveredou nos estudos de Galilei e Kepler. No entanto, a praga em 1665 fechou a Universidade e então durante o isolamento social acarretado pela pandemia da Peste, fez grandes descobertas em seu “Anni mirabiles” em campos como da matemática, física, química, mecânica, dentre outros (VENCESLAU, 2009) (WESTFALL, 1995). É destacável dizer que apenas Newton - entre 1664 e 1666 - e Einstein - em 1905 - são considerados como aqueles que tiveram esse ano miraculoso (STUDART, 2005).

Em seu “Anni mirabiles” Westfall (1995) destaca que para Newton foi o seu período mais produtivo de sua trajetória enquanto cientista. Pois nesse tempo - o qual esteve na

fazenda de seus pais, por conta da Peste – ele desenvolveu os principais fundamentos de sua obra, relativas ao método de aproximação binomial, método das tangentes, método direto e inverso das fluxões, teoria das cores, gravidade e a gravitação dos corpos – no qual concluiu e apresentou no famoso livro: *Os Princípios Matemáticos da Filosofia Natural* em 1687. Além de desenvolver o telescópio refletor e as questões relativas ao cálculo diferencial e o integral. E concluindo assim, destaca que Newton estava no auge de seu estado inventivo e inovador, enquanto a Peste assolava a Inglaterra.

Newton também ocupou cargos como professor da Universidade Cambridge, foi membro da Royal Society, Presidente da Casa da Moeda e Parlamentar. No fim de sua vida já era reconhecido como uma das mentes mais reverenciadas da Europa e sem dúvida um dos maiores cientistas de todos os tempos (PONTONE JUNIOR, 2001). Todos esses estudos brilhantes fizeram com que cientistas dos séculos seguintes utilizassem de seus estudos como base para suas próprias teorias como também para refutar os princípios newtonianos. Um exemplo que podemos citar do uso dos estudos de Newton se deu por Albert Einstein que no princípio de sua trajetória estudou os princípios newtonianos, no entanto confrontou a sua teoria discordando em determinados pontos como no referencial inercial (NADAI; JARDIM, 2010).

Dessa forma é inegável a contribuição das descobertas de Newton para uma gama de campos de pesquisa, e além disso continuam evidentes em nossos dias sendo ensinados e estando presentes em livros didáticos de escolas públicas de todo o país. Ademais, as pesquisas acadêmicas sobre Isaac Newton em uma pesquisa rápida no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (2020) sob o termo homônimo ao seu nome, temos muito acima de 5 mil menções, o que denota a relevância de seus estudos contemporaneamente.

Enfim, é notório que as obras/invenções destacadas acerca de Boccaccio na literatura, Shakespeare nas artes e Newton nas ciências são inegavelmente produções de mentes brilhantes à frente de suas épocas. Além disso, estas foram concebidas durante tempos sombrios de pandemias mais especificamente da Peste, tendo em vista ter se propagado por vários séculos e regiões do mundo. Nota-se então que o florescimento das ideias no homem não se arrefece por completo durante momentos de crises sanitárias complexas, pois apresentamos exemplos notáveis de engenhosidades advindas de situações adversas e reclusas, como no caso das quarentenas decorrentes de tempos de pandemia.

### Considerações finais

No sentido de trazer as considerações finais à pesquisa realizada, retomamos o objetivo da investigação que se propôs a identificar obras ou invenções proeminentes que foram construídas/produzidas em vários campos da atividade humana durante tempos de isolamento social por conta de pandemias através da história. Ao realizarmos a análise proposta identificamos: a obra *Decamerão* de Boccaccio que foi um paradigma na forma de escrita em sua época em pleno surto da peste negra. Como também Nashe e Shakespeare na

Inglaterra e suas peças teatrais. Outro a ser citado é newton nos tempos da Grande Praga de Londres que em isolamento assentou princípios da física nos quais a ciência se assenta ainda nos dias hoje. Na Rússia, Tchekhov e os seus contos, além de Munch e suas pinturas. E após isso, discorreremos mais especificamente sobre um produto de cada campo que foi produzido nos tempos de pandemia, sendo na literatura Boccaccio, nas artes Shakespeare e nas ciências Isaac Newton.

As discussões realizadas a partir dos resultados explicitados no contexto desta pesquisa nos apresentam que tanto no próprio tempo aos quais foram produzidas, os seus autores foram reverenciados ainda em vida por essas obras ou pelo conjunto delas, isso demonstra o reconhecimento e importância que tais obras/inventos já possuíam. No decorrer dos séculos seguintes a essas obras nota-se que elas não se perderam no tempo, e sim foram objetos de estudos de vários cientistas/pesquisadores para confirmar e/ou refutar seus princípios, fazendo assim se mover a roda da história e o movimento saudável do debate científico. Ademais, tais obras ainda ecoam nos dias de hoje sendo vistas e revisitadas como objeto de pesquisa acadêmica sobre diversas perspectivas, e isso nos faz deduzir a relevância que essas obras se mantiveram no decorrer do tempo e ainda representam – em cada área respectivas, como também em áreas transversais – uma importante ferramenta do conhecimento na vida, na escola e no ofício, em ambiente formal ou mesmo informal.

Ademais como observações complementares, vimos que as doenças acometem o homem desde os primórdios dos tempos, no entanto ao se estabelecerem em comunidades fixas, a possibilidade dessas doenças causarem maiores danos e se expandirem para outras comunidades e tornarem-se pandemias, tornou-se exequível. Logo, medidas de contenção a esses males foram sendo implementados como por exemplo, o isolamento social. E sob esse cenário, deve-se ter em mente que outras pandemias poderão vir a infligir o homem, mas as obras e inovações mesmo em tempos de isolamento social não se extinguirão. E nos dias de hoje que estamos imersos a pandemia da COVID-19 tais obras ou inventos ainda estão em construção e desenvolvimento, muito embora ansiamos por ver tais descobertas sendo apresentadas ao mundo brevemente e a vista disso influenciar sob variados aspectos o nosso modo de viver, sentir e ver o mundo.

Mas, podemos apontar algumas fagulhas de obras e inovações que já podem ser visualizadas a partir do pouco tempo – mas que parecem anos – ao qual a atual pandemia assola o mundo, a saber: o avanço na fabricação de imunizantes; a desinformação; a naturalização da vigilância individual. A principal delas – e a única positiva – é o avanço da fabricação de vacinas, pois, no combate da COVID-19 foram necessários 10 meses para o primeiro imunizante aprovado nos Estados Unidos, sendo que nas outras doenças, o menor tempo já encontrado foi a do sarampo que necessitou de 10 longos anos. Além deste, elementos negativos estão bem presente e podem se perpetuar como ervas daninhas, com reflexos nos próximos séculos. Pois, muito embora saibamos que a *desinformação* não é uma invenção atual, consideramos que na atual conjuntura da sociedade, este ato pernicioso é amplamente estruturado e institucionalizado pelo Estado. Tais ações estão eivadas como pilares nos governos e nos ideais presentes no *bolsonarismo* e no *trumpismo*. Ademais temos a realçar que a presença da vigilância estatal nos tempos da pandemia da COVID-19 faz

notadamente uso das tecnologias digitais, buscando saber não apenas onde o indivíduo está, mas também em um sentido sob a pele - ao querer conhecer até mesmo quicá, seus pensamentos - como forma de controle e coerção, enfraquecendo com isso, a liberdade e a democracia. Em suma, elencamos essas três centelhas que podem se estabelecer como legados presentes no pós-pandemia da COVID-19 à posteridade, como obras e inovações desses tempos sombrios.

Entendemos que nossos resultados corroboram em apresentar que mesmo em tempos difíceis por conta de pandemias, o homem sempre encontra lugar para aflorar seu talento e engenhosidade, como foi apresentado neste estudo: na literatura, artes e ciências. Por fim, embora tenhamos alcançado os objetivos propostos para esse recorte investigativo, há dimensões que ainda podem ser aprofundadas como as que se referem a ações locais ou regionais que mudaram o modo de ser de determinado lugar nos séculos que se seguiram a grandes pandemias ou mesmo epidemias, dentre outras questões que podem verter desta. Assim, este é apenas um ponto de partida que pode irradiar para direções diversas.

## Referências

ARÊAS, A. M.; CAMBEIRO, D. **Reflexões Lingüístico-literárias em o Decameron, de Giovanni Boccaccio**. Rio de Janeiro. 2002.

182

ASSIS, R. A. L. D. História Comparada: por que usar e como usar. **Boletim Historiar**, v. 5, n. 3, p. 54-63, jul./set. 2018. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/10104>>. Acesso em: 12 jan. 2022.

ASSUNÇÃO, M. et al. Resilience of the Brazilian supply chains due to the impacts of Covid-19. **Holos**, v. 5, p. 1-20, ago. 2020. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/10802>>. Acesso em: 8 mar. 2021.

BAIRRAL, M. A. Dimensões a considerar na pesquisa com dispositivos móveis. **Estud. av.**, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 81-95, dez. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142018000300081&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142018000300081&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 out. 2020.

BARIFOUSE, R. BBC. **Por que o H1N1 não parou economias como a pandemia de coronavírus?**, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52078906>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

BARROS, J. D. História comparada - um novo modo de ver e fazer a história. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro-RJ, v. 1, n. 1, p. 1-30, 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/download/144/136>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

BELLEI, N.; MELCHIOR, T. B. H1N1: pandemia e perspectiva atual. **J. Bras. Patol. Med. Lab**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 6, p. 611-617, dez 2011.

BIERNATH, A. BBC. **Vacina contra malária é ‘conquista histórica’, mas provavelmente não será usada no Brasil**, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-58824302>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

BLOCH, M. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. **Revue de Synthèse Historique**, v. 6, p. 15-50, 1928. Disponível em: <[http://www.iheal.univ-paris3.fr/sites/www.iheal.univ-paris3.fr/files/Pour%20une%20histoire%20compar%C3%A9e%20des%20soci%C3%A9t%C3%A9s%20europ%C3%A9ennes%20\(Bloch\).pdf](http://www.iheal.univ-paris3.fr/sites/www.iheal.univ-paris3.fr/files/Pour%20une%20histoire%20compar%C3%A9e%20des%20soci%C3%A9t%C3%A9s%20europ%C3%A9ennes%20(Bloch).pdf)>. Acesso em: 13 jan. 2022.

BUENO, C. Shakespeare vive. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 2, p. 1-2, abr./jun. 2016. Acesso em: 8 mar. 2021.

CAMPOS FILHO, R. P. A peste, a gripe espanhola e a covid19 – geografizando as pandemias pelo mundo. **Élisée - Revista De Geografia Da UEG**, v. 9, n. 1, p. e912014, 2020. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/10301>>. Acesso em: 07 mar. 2021.

CAPES. Catálogo de Teses e Dissertações. **Histórico e Evolução**, 2020. Disponível em: <[https://sdi.capes.gov.br/banco-de-teses/02\\_bt\\_sobre.html#:~:text=Em%20julho%20de%202002%2C%20a,0%20acesso%20a%20estas%20informa%C3%A7%C3%B5es.](https://sdi.capes.gov.br/banco-de-teses/02_bt_sobre.html#:~:text=Em%20julho%20de%202002%2C%20a,0%20acesso%20a%20estas%20informa%C3%A7%C3%B5es.)>. Acesso em: 24 jun 2020.

CARBINATTO, B. Abril. **Quarentena: 5 personalidades históricas que fizeram obras nessa fase**, 2020. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/5-personalidades-historicas-que-fizeram-grandes-obras-durante-quarentenas/>>. Acesso em: 28 jul 2020.

CARDOSO, C. F. S.; BRIGNOLI, H. P. **Os métodos da história: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social**. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

CAVALLARI, D. N.; BASILE, T. V. Sobre Giovanni Boccaccio: principais estudos dos pesquisadores vinculados às universidades estaduais paulistas. **Revista De Italianística**, v. 29, p. 212-228, 2015. Acesso em: 07 mar. 2021.

CHAGAS, C. B. **Recriando Shakespeare no Cinema: da Megera Renascentista à Megera Contemporânea**. Salvador-BA, p. 55. 2015.

CORREA, C. P. Por que Shakespeare?: O encontro de Freud com Shakespeare. **Estud. psicanal**, Belo Horizonte, p. 19-25, ago. 2004. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=So100-34372004000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So100-34372004000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 8 mar. 2021.

COSTA, C.; TOMBESI, C. BBC. **Coronavírus: Gráfico mostra tempo que humanidade levou para criar vacinas e recorde para covid-19**, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55232520>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

COSTA, L. M. C. D.; MERCHAN-HAMANN, E. Pandemias de influenza e a estrutura sanitária brasileira: breve histórico e caracterização dos cenários. **Rev Pan-Amaz Saude**, Ananindeua-PA, v. 7, n. 1, p. 11-25, mar. 2016. Disponível em: <<http://scielo.iec.gov.br/scielo>>.

php?script=sci\_arttext&pid=S2176-62232016000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 mar. 2021.

EVARINI, A. MegaCurioso. **5 pessoas que produziram seus melhores trabalhos durante uma quarentena**, 2020. Disponível em: <<https://www.megacurioso.com.br/ciencia/113880-5-pessoas-que-produziram-seus-melhores-trabalhos-durante-uma-quarentena.htm>>. Acesso em: 28 jul 2020.

FERNANDEZ, A. Maxima. **De Isaac Newton a Simone de Beauvoir, invenções que nasceram após um isolamento social**, 2020. Disponível em: <<https://www.maxima.pt/atual/detalhe/de-isaac-newton-a-simone-de-beauvoir-as-invencoes-que-nasceram-apos-um-isolamento-social>>. Acesso em: 28 jul 2020.

FORATTINI, O. P. AIDS e sua origem. **Rev. saúde pública**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 153-156, 1993.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIORDANI, E. M.; RAMBO, M. C. Leitura como instrumento de construção do sujeito histórico. **Revista Latino-Americana de História**, v. 2, n. 6, p. 1145-1158, 2013. Acesso em: 12 jan. 2022.

GOMES, M. Diplomatique. **A naturalização de sistemas e tecnologias de vigilância na pandemia**, 2021. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/a-naturalizacao-de-sistemas-e-tecnologias-de-vigilancia-na-pandemia/>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

GOULART, A. D. C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 101-142, jan/abr 2005.

GRECCO, G. D. L.; ALBERNAZ, C. A. A. Em que pensam os historiadores ao fazer história comparada? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 240-260, set./dez. 2019. Acesso em: 12 jan. 2022.

GRUBER, A. Jornal da USP. **Covid-19: o que se sabe sobre a origem da doença**, 2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/covid2-o-que-se-sabe-sobre-a-origem-da-doenca/>>. Acesso em: 09 mai 2020.

HARARI, Y. N. Financial Times. **the world after coronavirus**, 2020. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/19d90308-6858-11ea-a3c9-1fe6fedcca75>>. Acesso em: 11 mai 2020.

KOCKA, J. Comparison and beyond. **History and Theory**, v. 42, n. 1, p. 39-44, fev. 2003. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3590801>>. Acesso em: 12 jan. 2022.

LIMA, C. M. A. D. O. Informações sobre o novo coronavírus (COVID-19). **Radiol Bras**, São Paulo, v. 53, n. 2, p. V-VI, mar/abr 2020.

LOMBARDI, A. Il diavolo in corpo: una lettura del Decameron di Giovanni Boccaccio. **Alea**, Rio de Janeiro-RJ, v. 14, n. 12, p. 180-200, dez. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2012000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2012000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 mar. 2021.

MAGALHÃES, A. L. canaltech. **Inspiração em quarentena: 5 personalidades que inovaram durante confinamento**, 2020. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/curiosidades/quarentena-personalidades-que-inovaram-162383/>>. Acesso em: 12 mai 2020.

MELO, J. L. X. Da Contribuição do Método Comparado para História. **Revista Historiador**, v. 5, p. 119-124, 2020. Disponível em: <<https://www.revistahistoriador.com.br/index.php/principal/article/view/115>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

MULALA, G. Folha. **Médico brasileiro nos EUA luta por combate a moléstias que assolam o Terceiro Mundo**, 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1902200601.htm>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

NADAI, K. N. G. D.; JARDIM, A. P. Gestalt-terapia e física quântica: um diálogo possível. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 157-166, dez. 2010. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672010000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 9 mar. 2021.

OLIVEIRA, F. R. D.; OLIVEIRA, T. **Um Estudo Sobre Boccaccio na Perspectiva da História da Educação**. Maringá-PR, p. 1-15. 2012.

OMS. OPAS. **Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)**, 2020. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875)>. Acesso em: 07 mai 2020.

PEREIRA, M. H. D. F.; ARAUJO, V. L. D. Atualismo: Pandemia e historicidades no interminável 2020. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 47, n. 1, p. e39802, mar. 2021. Acesso em: 13 jan. 2022.

PEREIRA, M. H. D. F.; MARQUES, M. D. S.; ARAUJO, V. L. **Almanaque da COVID-19: 150 dias para não esquecer ou a história do encontro entre um presidente fake e um vírus real**. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

PLONSKI, G. A. Estudos Avançados. **Inovação em transformação**, v. 31, n. 90, p. 7-21, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/137882>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

PONTONE JUNIOR, R. A vida de Isaac Newton. **Rev. Bras. Ensino Fís.**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 256-258, jun. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-11172001000200018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-11172001000200018&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 8 mar. 2021.

PRADO, M. L. C. Repensando a história comparada da América Latina. **Revista de História**, v. 153, p. 11-33, 2005. Acesso em: 13 jan. 2022.

REZENDE, J. M. **À sombra do plátano: crônicas de história da medicina**. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

SALLES, J. S.; PINHEIRO, R. A. B. A Ira de Deus em Decameron, de Boccaccio. **Revista Outras Fronteiras**, v. 2, n. 2, p. 89-104, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://ppghis.com/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/212/pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2021.

SANTOS, L. A. D. C. Um século de Cólera: Itinerário do Medo. **PHYSIS - Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 79 – 110, 1994.

SILVEIRA, A. J. T. A medicina e a influenza espanhola de 1918. **TEMPO**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 91-105, 2005.

SOBRINHO JUNIOR, J. F.; MORAES, C. D. C. P. A COVID-19 e os reflexos sociais do fechamento das escolas. **Dialogia**, São Paulo, v. 36, p. 128-148, set./dez. 2020. Acesso em: 9 mar. 2021.

SOBRINHO JUNIOR, J. F.; MORAES, C. D. C. P. Diálogos quanto aos conceitos relacionados ao tempo. **Oficina do Historiador**, v. 14, n. 1, p. e41152, 2021. Acesso em: 12 jan. 2022.

STUDART, N. Einstein e o Ano Mundial da Física. **Rev. Bras. Ensino Fís.**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 1-4, mar. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-11172005000100001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-11172005000100001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 8 mar. 2021.

SUSSEKIND, P. Nietzsche leitor de Shakespeare. **Cad. Nietzsche**, São Paulo, v. 31, p. 173-187, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-82422012000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-82422012000200010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 8 mar. 2021.

TESINI, B. Manual MSD. **Pandemia de 2009 pelo vírus H1N1 da influenza (gripe suína)**, 2020. Disponível em: <<https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/resourcespages/about-the-manuals>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

TV CULTURA. Notícias. **Yuval Harari discute avanço de sistemas de vigilância por conta do novo coronavírus: “A tendência é prolongar indefinitivamente”**, 2020. Disponível em: <[https://cultura.uol.com.br/noticias/1303\\_yuval-harari-discute-avanco-de-sistemas-de-vigilancia-por-conta-do-novo-coronavirus-a-tendencia-e-prolongar-indefinitivamente.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/1303_yuval-harari-discute-avanco-de-sistemas-de-vigilancia-por-conta-do-novo-coronavirus-a-tendencia-e-prolongar-indefinitivamente.html)>. Acesso em: 13 jan. 2022.

VENCESLAU, B. S. A Popularização na Ciência: a Óptica de Newton no Século XVIII. **Holos**, v. 3, p. 95-104, 2009. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/192/166>>. Acesso em: 9 mar. 2021.

WESTFALL, R. S. **A vida de Isaac Newton**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1995.

ZATTERA, A. C. **Uma Análise Histórica Sobre o Decameron de Giovanni Boccaccio (1313-1375): Riso e Regeneração**. Curitiba-PR. 2014.